

II Apresentação

Este número da revista *Cerrados* dedicado à crítica estética marxista, reúne vinte e três artigos de pesquisadores de universidades nacionais e internacionais, além de trazer, como apêndice, a tradução de um texto de Georg Lukács sobre Máximo Gorki.

Nesta apresentação procuramos agrupar em temas os diferentes artigos que compõem este número da *Cerrados*, mas como há uma relação efetiva entre todos eles, optamos por não os separar em diferentes seções no corpo da revista, sendo assim, os artigos são organizados em ordem alfabética pelos nomes dos autores. Os artigos aqui apresentados vinculam-se intimamente ao tema da revista, seja porque tratam de questões teóricas, tendo como fundamento a concepção marxista de estética, seja porque abordam obras literárias específicas, tendo como base a relação histórica e dialética entre arte e vida social.

Entre os artigos de natureza predominantemente teórica, estão aqueles que consideram a problemática estética tendo como ponto de partida a crítica estética de Georg Lukács. Em “Lukács e a defesa do realismo”, Celso Frederico aborda a obra lukacsiana produzida a partir dos anos 30, quando se define mais claramente para o crítico húngaro o conceito de realismo artístico, entendido como método compositivo que caracteriza uma determinada atitude do escritor frente à realidade e é comum a toda arte capaz de captar a vida em termos verdadeiramente humanos, o que se verifica tanto em obras anteriores ao século XIX, quanto em obras posteriores a esse período da literatura, que, para Lukács, se apresentou como modelo para o grande realismo; isto, conforme problematiza Celso Frederico, produziu uma espécie de oscilação entre método e modelo na crítica lukacsiana, especialmente diante das formas artísticas do século XX. Considerando a relação entre poesia e história, já presente em Aristóteles e retomada e desenvolvida por Lukács, Hermenegildo Bastos, em seu ensaio “A poesia na mudança histórica”, trata do caráter desfetichizador da atividade artística, que afirma tanto o lugar central da arte na práxis social quanto o seu papel essencial no desenvolvimento pleno da subjetividade humana; é nessa perspectiva que a arte se afirma como luta pela liberdade e se apresenta como força política e transformadora. O artigo de Ranieri Carli – “György Lukács e a literatura sob o processo de reificação” –, apoiado nas concepções estéticas do Lukács maduro, investiga os efeitos da reificação, compreendida como categoria pertinente para entender o capitalismo tardio, nas criações literárias frente à ofensiva do capital monopolista. Em “Pressupostos históricos e sociais da criação artística, na perspectiva de Georg Lukács: hostilidade do capitalismo às artes”, Betina Bischof e Paula A. M. de Araújo buscam ressaltar a fecundidade do conceito de literatura realista e de seus desdobramentos históricos, desenvolvidos por Lukács a partir dos anos 30, diante do conjunto de problemas conjurado pela hostilidade do capitalismo em relação às artes, considerando que os diferentes momentos da arte realista não derivam de uma “dialética imanente das formas”, e que, como crítica da vida, o realismo pode mostrar “não apenas o mundo destruído, mas a luta contra a destruição”. O texto de Juarez Torres Duayer, intitulado “Lukács e a rememoração do passado. A propósito da noção de *Pathosformeln* de Aby Warburg em *Medo, violência e terror*: quatro ensaios de iconografia política de Carlo

Ginzburg”, se baseia no conceito lukacsiano de arte como memória e autoconsciência da humanidade para discutir, sob o ângulo da rememoração do passado como necessidade ontológica, a noção de *Pathosformeln*, do historiador alemão Warburg, retomada por Carlo Ginzburg nas análises da transmissão de imagens através da história no frontispício do *Leviatã*, de Hobbes; no quadro *Marat em seu último suspiro*, de Jacques-Louis David; no cartaz *Faça parte do exército de seu país*, de Alfred Leete; e no *Guernica*, de Pablo Picasso.

Os artigos de Antonino Infranca e de Francisco García Chicote também abordam a obra de Lukács, porém com foco em questões específicas. O primeiro, em “A amizade rompida: Lukács e Balázs”, a partir da análise de escritos do filósofo Georg Lukács e do escritor Béla Balázs – textos literários de Balázs, como as suas fábulas sobre a amizade, e cartas, diários e textos críticos de ambos – torna visíveis as concepções de mundo e os princípios éticos que uniram e separaram os dois intelectuais húngaros, amigos na juventude, que foram gradativamente se distanciando até chegarem a uma efetiva ruptura. No segundo – “Acerca de la teoria lukácsiana del cine” –, Gracia Chicote analisa as implicações éticas e teóricas de dois momentos da crítica lukácsiana do cinema, em 1913 e depois em 1963, buscando articulá-las às perspectivas filosóficas do crítico húngaro nesses dois períodos, nos quais a concepção de vida cotidiana era entendida de forma diversa.

Ainda no campo da discussão teórica, inserem-se os artigos de André Matias Nepomuceno, Daniel Puglia e Danielle Corpas. Em “Leitura de *Ensaio sobre o trágico*”, Nepomuceno apresenta notas de leitura do livro de Peter Szondi, *Ensaio sobre o trágico*, a partir das quais desenvolve considerações acerca da transição da poética clássica da tragédia para uma filosofia do trágico, do método histórico-concreto de leitura do drama e da atualidade dialética do gênero trágico. Com o objetivo de apontar ao leitor formas “de entrada para um conjunto de livros permeados por uma corrente subterrânea: o materialismo histórico e seu procedimento crítico”, Daniel Puglia, em “Crítica literária nas obras de Terry Eagleton”, analisa a contribuição para a atualidade da crítica literária dialética presente nos livros *Literary Theory: an introduction* (1983); *The Function of Criticism* (1984); *Against the Grain: selected essays* (1986); *William Shakespeare* (1986); *The Ideology of the Aesthetic* (1990); *The Significance of Theory* (1990); *Ideology: an introduction* (1991) e *The Illusions of Postmodernism* (1996), do crítico literário britânico Terry Eagleton. “A crítica de Siegfried Kracauer a *Berlim, sinfonia da metrópole*” é o tema do artigo de Danielle Corpas que tem por escopo discutir a perspectiva crítica de Kracauer para a crítica da representação realista no cinema, por meio da comparação de passagens de diferentes momentos da obra de Kracauer que se referem ao filme de W. Ruttmann, *Berlim, sinfonia da metrópole* (1927).

O artigo de Ronaldo Rosas Reis, “O protocolo estético da distopia presente. Sobre a violência”, também de natureza crítico-teórica, tem como ponto de partida o pressuposto de que os fortes influxos pós-modernistas, estreitamente ligados ao andamento econômico-político do capital na atualidade, resultou na configuração de um quadro distópico, em que as formas estéticas estão incluídas, “cujo protocolo estético conjuga o exercício ilusório e ambíguo de uma liberdade individual com a real violência praticada por ativistas de grupos de interesses, lobistas de empresas e agentes do Estado”.

Quanto aos artigos que se dedicam à análise de obras literárias e artísticas na perspectiva da crítica literária dialética, três deles tratam especificamente da lírica. Alexandre Pilati, em “A ‘tomada estética da realidade’ como princípio da poesia de Pier Paolo Pasolini”, interpreta os poemas de *As cinzas de Gramsci* (1957), de Pier Paolo Pasolini, como formas

estéticas que interpelam a realidade e se configuram a partir de uma leitura do real entendido “como um complexo estético socialmente determinado”, e, assim, assumem uma dimensão catártica, segundo as concepções da catarse em Lukács e Gramsci. No texto “A retraditionalização frívola. O caso da poesia”, Iumna Maria Simon discute o fenômeno da retraditionalização da poesia contemporânea, entendido como um processo, com raízes históricas e sociais no moderno conservadorismo, que efetua a transformação dos elementos em decomposição da modernidade em formas fixas e convencionais. Diante desse fenômeno no quadro da poesia brasileira, o artigo enfrenta a pergunta: “Esse afrouxamento de exigências é conveniente por liberar a poesia da crítica e da invenção de formas para públicos novos? Ou é preciso criticá-lo como uma modalidade de oficialismo pós-moderno?”. A análise das ambivalências – “realizações e derrotas, construção e ruína, euforia e melancolia” – presentes no poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, é objeto do texto “História, memória e devaneio: sobre ‘Vou-me embora pra Pasárgada’” de Wilson José Flores Jr, que reconhece no poema, além da subjetividade e da memória pessoal, uma síntese do sentimento social diante da mercantilização da vida cotidiana e da contraditória atualização do passado colonial em meio à modernização do Brasil dos anos 50.

Em relação ao romance, este número da revista *Cerrados* traz oito artigos que abordam obras da literatura brasileira e latino-americana, bem como obras da literatura mundial. Três artigos são dedicados ao romance nacional. Em “Aires, a figura do narrador machadiano e o intelectual brasileiro”, Ludmylla Mendes Lima analisa a atuação do princípio formal do narrador machadiano ambivalente em *Esau e Jacó* sob a perspectiva do seu entrelaçamento com o Conselheiro Aires e seu estatuto de intelectual periférico que busca garantir sua supremacia. O romance de Aluísio Azevedo, *O cortiço*, é objeto da análise de João Roberto Maia em “*O cortiço* em pauta”, texto que confronta leituras críticas anteriores e recentes acerca desse romance à perspectiva crítica dialética desenvolvida por Antonio Candido em seu ensaio clássico “De cortiço a cortiço”. Em “Romance, história e sociedade em *O tronco* de Bernardo Élis”, Edvaldo Bergamo e Rogério Max Canedo analisam, com base em Georg Lukács, Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda, esse romance do escritor goiano Bernardo Élis, publicado em 1956, como figuração artística realista da vida social brasileira, considerando que é possível perceber em *O Tronco*, a partir da representação estética de determinado episódio da história regional, uma conexão dialética com a história nacional.

A relação entre a literatura brasileira e a literatura argentina é abordada por Juan Pedro Rojas sob o viés da ditadura no artigo “Reflexões sobre o realismo a partir de dois romances de ditadura”, no qual são analisados os romances *Sempreviva* (1981), de Antônio Callado, e *Nadie Nada Nunca* (1981), de Juan José Saer, ambos foram publicados durante o período das ditaduras militares no Brasil e na Argentina, e apresentam elementos narrativos que desafiam o modelo de literatura realista e nos fazem refletir sobre a atualidade do conceito.

Antônio Rago Filho, em seu texto “Arte humanista, projeto nacional-popular e a tragédia argentina no filme *Sur* de Fernando Pino Solanas e Astor Piazzolla”, também aborda o período da ditadura na Argentina, porém, seu objeto não é o romance e, sim, o cinema – o filme *Sur*, de Fernando Solanas – e as composições musicais que formam uma série tanguera, de Troilo a Piazzolla. Em chave realista lukacsiana, Rago reconhece nessas expressões artísticas um caráter trágico que não se desvincula da dialética da realidade da história, pois elas evidenciam que “no duelo contra o aniquilamento promovido por meio dos tormentos de um terrorismo de Estado, a vida transtornada acena com a renovação. A vida contra a morte.”

Entre os quatro artigos dedicados à literatura mundial, está “A peripécia brasileira de Robinson Crusóe: o herói burguês e negreiro na origem da ascensão do romance”, no qual Homero Vizeu Araújo toma o romance *Robson Crusóe*, de Daniel Defoe, como ponto de partida para a análise experiência periférica e colonial brasileira, entendendo o protagonista do romance na concepção de Ian Watt e Franco Moretti, isto é, como herói burguês individualista, mas ainda como traficante de escravos e proprietário durante o período da produção açucareira na Bahia do século XVII. Em “Las utopías reaccionarias: *La isla Felsenburg* y *El verano tardío*”, Martín Ignacio Koval realiza a leitura comparativa entre duas obras alemãs de diferentes épocas – *La isla Felsenburg*, uma “Robinsonada” de Johann Gottfried Schnabel publicada em quatro partes entre 1731 e 1743, e *El verano tardío* (1857), de Adalbert Stifter, romance de formação do *Biedermeier* austríaco – tendo como fundamento de análise a reflexão de Marx acerca das utopias reacionárias, em *O manifesto comunista*, e a noção de herói positivo, segundo Georg Lukács, em *Escritos de Moscú*. O texto de Manoela Hoffmann Oliveira – “Sobre o socialismo em *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister* ou *Os renunciantes*” – analisa a recepção socialista desse romance de Goethe ainda inédito em língua portuguesa e discute a possibilidade de que essa obra tenha implementado ideias revolucionárias. Daniele Rosa, em “O destino trágico e a luta pela autoconsciência na arte em *A morte de Danton*, de Georg Büchner”, analisa o drama *A morte de Danton* (1834-1835) a partir do ensaio de Georg Lukács “O verdadeiro e o fascisticamente falsificado Georg Büchner” (1964), tendo como objetivo identificar de que maneira os elementos estéticos configuram, de forma orgânica e efetivamente realista, a vida social, possibilitando o reconhecimento do sentido do *phatos* humano na realidade objetiva em confronto com a impotência e o fatalismo alimentados pela filosofia liberal.

Fechamos esta edição da *Cerrados* com um texto que nos parece perfeitamente adequado como conclusão para o conjunto de ensaios que aqui reunimos e que se vinculam de diferentes formas à estética marxista, à crítica literária dialética. Trata-se da tradução, realizada por Bernard Herman Hess, do texto “Máximo Gorki: o libertador”, escrito por Georg Lukács em 1936, ano da morte do escritor russo. Nesse pequeno texto, encontramos não uma saudação retórica ou uma homenagem burocrática ao escritor russo e a sua obra, mas uma reflexão substancial acerca da ação humana e do trabalho literário que, na vida de Gorki, se realizaram no sentido da superação da barbárie. Ao vê-lo como libertador, no sentido dado por Goethe à libertação – a luta por uma vida autenticamente humana em lugar da concessão resignada a uma existência feita de sucessivas convenções esvaziadas –, Lukács evidencia na vida e obra de Gorki algo que é central para a estética marxista e que está expresso, mais uma vez, nas palavras de Goethe: “o conteúdo da poesia é o conteúdo da própria vida.” A arte e também a atividade crítica que a ela se dedica não podem se realizar de forma efetiva em termos exclusivamente imanentes, como abstração absoluta ou como formalismo vazio, fechada unicamente em sua dialética interior; seu centro não é outro que não a “*cultura da vida*”:

O que é cultura literária? Sobretudo, ela é sensibilidade para a verdadeira grandeza humana. Capacidade de enxergar a grandeza humana em toda a parte, nas coisas da vida onde ela de fato se manifesta, mesmo que sob formas recônditas, ainda pouco desenvolvidas, incapazes de uma expressão clara. Capacidade de enxergar com nitidez o desenvolvimento da humanidade, de

vivenciá-lo com íntima compreensão. Capacidade de enxergar o novo, aquilo que está prenhe de futuro, já em sua primeira manifestação.

O caráter libertador de Gorki e da sua arte está intimamente conectado a essa profunda ligação entre o determinante conteúdo da vida e a forma artística que o configura esteticamente de maneira realista, e isto não significa uma transposição direta e linear da imediatez vivida para o mundo próprio das obras de arte, como se tivessem existência real e concreta as relações de causa e efeito mecanicamente unívocas, não mediadas pelas mais diferentes, ricas e complexas interações. Ao contrário, a liberdade do trabalho artístico frente à imediatez da realidade é capaz de captar as formas ainda “incapazes de uma expressão clara”, o historicamente novo “já em sua primeira manifestação” em meio às complexas interações que vão tecendo a vida cotidiana. Por essa razão, a arte libertadora, assim como Gorki, não é aquela designada como panfletária, mas, antes, aquela que realiza “uma elaboração poética profunda de um conteúdo de vida substancial”; aquela que “pode descobrir e plasmar os verdadeiros e decisivos motivos humanos, não perceptíveis à superfície da vida, e também os seus reflexos na alma dos homens”. O homem, o escritor e também o crítico libertador “supera o falso dilema da “torre de marfim” e da mera literatura de agitação. Pois ambas são – com sinais trocados e com diferentes finalidades subjetivas – igualmente a-históricas, permanecem igualmente presas à imediata superfície da vida”.

Lukács retoma a observação de Tolstói sobre Gorki – “tens um coração perspicaz” – e desenvolve os desdobramentos artísticos dela: “Ele não é um copista mesquinho da natureza e também não opera uma deformação estilizada da realidade. Ele tem um coração perspicaz e, por isso, sentidos perspicazes, sentidos que extraem da realidade as suas tendências *essenciais*”. O equilíbrio artístico da obra de Gorki evidencia sua capacidade de, em meio à brutalidade das contradições da sociedade de classes, buscar sempre a saída, na vida e na arte, para além de falsos extremos – formalismo ou sociologismo vulgar –, em direção ao verdadeiro *pathos* das lutas humanizadoras contra as forças desumanizantes, o que atesta que a grande arte exige uma vida autêntica, exige a vivência de uma compreensão íntima do desenvolvimento histórico da humanidade, exige um coração perspicaz. É esse o sentido libertador da vida e da obra de Gorki.

No momento da morte do escritor russo, ainda havia, com todas as suas severas e não-superadas contradições, a luta pelo socialismo real contra as brutais contradições da sociedade de classes do capitalismo que, ainda hoje, impõem aos homens uma falsa aporia ou uma falsa saída de emergência, cuja superação se mostra como uma necessidade histórica para a continuidade do desenvolvimento da humanidade, uma vez que tanto a falsa aporia quanto a indicação de saídas sociologicamente simplificadoras impedem-nos de “enxergar o novo, aquilo que está prenhe de futuro”. Se naquele momento faltava a alguns o coração perspicaz de Gorki para dar forma artística à grandeza humana presente na vida; hoje, quando vivemos impasses profundos e a realidade nos pede que estejamos à altura deles para permanecermos humanos, precisamos desse coração perspicaz para sentir pulsar na arte aquilo que, na vida, ainda aguarda “uma expressão clara” da grandeza humana contra a barbárie. É este o sentido maior deste número da revista *Cerrados* sobre crítica estética marxista. São apenas vinte e três artigos, frente aos monumentais desafios do presente, porém, cada um deles é, à sua maneira, uma crítica estética à procura da dialética da vida, que recusa o “virtuosismo literário ou a ‘erudição’ do rotular vulgar e sociológico”, uma expressão da luta pela inteligibilidade da

história e por uma vida autenticamente humana. Eles atestam a atualidade e as potencialidades da crítica estética marxista, que encontra sua robustez especialmente pela profunda relação que mantém com a vida concreta dos homens e mulheres de ontem e de hoje, bem como na construção do futuro em direção à emancipação humana.

Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Alexandre Simões Pilati

Ana Laura dos Reis Corrêa